

*O missionarismo protestante e as representações da América Latina no início do século XX: algumas considerações**

GUILHERME FERREIRA OLIVEIRA
Universidade Federal Fluminense

Resumo: Neste artigo reflito sobre as *representações* de América Latina construídas por missionários protestantes norte-americanos entre as duas primeiras décadas do século XX, com a intenção de compreender o processo de circulação e difusão da ideia de reinvenção da América Latina dentro desse círculo específico. Para tanto, apesento elementos dessas representações que estão inscritos em livros nos quais os missionários apresentam suas impressões sobre a história, os costumes e as gentes do continente e com base nessas representações, constroem *estratégias* e elaboram projetos para a transformação dessa parte do continente. Em mesma medida, esse conjunto de representações contribuía para legitimar a atuação missionária no campo religioso latino-americano, constituindo-se de um modelo descritivo e analítico da região sob as lentes do protestantismo missionário norte-americano.

Palavras-chave: Missionarismo protestante; Representações; América Latina.

Abstract: In this article I reflect on the representations of Latin America built by American Protestant missionaries between the first two decades of the twentieth century, with the intention of understanding the process of circulation and dissemination of the idea of reinventing Latin America in that particular circle. Therefore, show elements of these representations which are written in books in which the missionaries present their views on the history, customs and people of the continent and based on these representations, build strategies and prepare projects for the transformation of this part of the continent. In the same measure, this set of representations contributed to legitimize the missionary work in the Latin American religious field, being a descriptive and analytical model of the region through the lens of American missionary Protestantism.

Keywords: Protestant missionarism; Representations; Latin America.

* Recebido em: 31/03/2017 e aprovado em: 02/11/2017.

Considerações iniciais

De partida é preciso fazer algumas considerações. A primeira delas tem o intuito de destacar que os textos que serão utilizados neste artigo como fontes primárias foram produzidos pelos missionários protestantes Francis E. Clark¹, Samuel R. Gammon² e Hubert W. Brown³, no período em que as companhias de negócios encamparam um projeto de “redescobrir” a América do Sul (SALVATORE, 2006, p. 11) – projeto que, como veremos, não se afastou das propostas, guardadas as diferentes premissas, dos missionários em questão. Em mesma medida, a escolha desses atores segue, principalmente, três aspectos: primeiramente, todos eles defendem a urgência da evangelização para a América Latina e utilizam como contraposição o investimento maciço das missões no Oriente. Em segundo lugar, é preciso destacar que esses missionários tiveram papel importante na divulgação do protestantismo norte-americano na América Latina, publicando, polemizando, participando dos congressos missionários, fundando escolas e participando de obras sociais nos países em que estavam missionando. Por último, os textos desses autores fazem referências mútuas, o que parece indicar, se não uma rede, ao menos afinidades e aproximações ideológicas.

¹ O teólogo Francis Edward Clark (1851-1927) foi o fundador da Young People's Society of Christian Endeavour, uma sociedade não-denominacional de evangelização protestante. Além disso escreveu diversos livros sobre a evangelização protestante e sobre as suas possibilidades nos países da América Latina.

² Samuel Rhea Gammon (1865-1929) foi um nome importante na estruturação do protestantismo presbiteriano brasileiro, escreveu uma série de artigos para o *Jornal O Púlpito Evangélico*. Gammon fundou em Lavras, Minas Gerais, o Instituto Evangélico em 1903 e cinco anos mais tarde, criou uma Escola Agrícola. Nos anos posteriores a escola ganhou grande prestígio, sobretudo ao ampliar sua atuação a partir de 1938, quando se tornou ESAL (Escola Superior de Agricultura), sendo federalizada em 1963, e em 1994, se tornou a Universidade Federal de Lavras.

³ Hubert William Brown (1858-1906). Brown, ao lado de sua esposa Wilma Jacobs Brown atuou no México, entre os anos de 1880 e 1906, como missionário e professor de teologia e filosofia no Colégio Presbiteriano e no Seminário Teológico de Coyoacan, além de editar o periódico “El Faro”.

Esses textos foram redigidos com o intuito de avaliar as potencialidades de evangelização e de modernização dos países ao sul do Rio Grande e de compreender melhor os homens a serem missionados, para assim traçar formas de divulgação do Evangelho e de conquista espiritual,⁴ constituindo-se assim importantes relatos etnográficos. Em última instância, como destaca Ricardo D. Salvatore, com a expansão do trabalho evangélico, os missionários ampliaram o volume de informações sobre a América do Sul e muitas vezes organizaram pesquisas para conhecer o universo cultural dos que pretendiam converter (SALVATORE, 2006, p. 70-71).

As representações da América Latina nos círculos missionários em questão procuravam destacar, de forma geral, cinco aspectos: a) a natureza vista por vezes como exuberante e selvagem, por outras como inexaurível e com grandes possibilidades de exploração e aproveitamento econômico b) a ineficácia da Igreja Católica em instaurar o cristianismo, deixando proliferar a superstição e a incompreensão da Bíblia; b) a inferioridade e o baixo grau de moralidade entre as gentes latinas; d) a tradição ibérica é tida como origem dos males latinos e por isso é amplamente criticada, recebendo considerações mais negativas⁵ do que a cultura indígena local, por exemplo; e) a necessidade de se estreitar os vínculos políticos, econômicos e religiosos entre a América Latina e os Estados Unidos. Contudo, certo da complexidade de analisar cada uma dessas representações e dado os limites deste artigo, me concentrarei em exemplificar, sobretudo, o último aspecto.

Em segundo lugar, é preciso salientar que estes textos procuravam legitimar e orientar o esforço evangelizador na América – nos primeiros

⁴ Tendo em vista que o projeto missionário não é um paradigma imutável, e sim um processo formativo e criativo – como ressaltou em 1926 o estudioso das missões e também missionário, Achibald G. Baker -, não podemos entender a escrita desses livros-relatórios apenas como fruto de uma imposição burocrática das sociedades missionárias (cf. BAKER, 1926). Muito menos podemos acreditar que elas podem ser compreendidas exclusivamente a partir do pensamento dominante do lugar de origem desses escritores. Esses textos revelam a peculiaridade de cada autor e de suas vivências no espaço que ele procurou representar, afinal esses missionários eram indivíduos situados em espaços de fronteiras e intercâmbios culturais.

⁵ Considerações semelhantes podem ser encontradas em diversos escritos da época – não necessariamente religiosos - como bem estuda Feres Jr. (2005).

momentos a contragosto de outros setores do missionarismo protestante estadunidense. Publicados no início do século XX, num misto de literatura de viagem e manifesto apologético, esses textos circulavam nos meios missionários e intelectuais, incluindo as universidades protestantes,⁶ advogando – para além da evangelização – a favor da integração dos países latino-americanos guiados pelos Estados Unidos, seja nas instâncias sociais, políticas e econômicas.

A ideia de América Latina no pensamento missionário

Antes de adentrarmos propriamente nas relações entre os discursos e atividade missionária protestante norte-americana e a América Latina é preciso traçar algumas considerações. Não podemos nos deixar obscurecer pela aparente naturalização que o termo América Latina, que aparece com frequência na imprensa, nos discursos públicos e na linguagem cotidiana. Como é sabido, o nome América apareceu pela primeira vez em 1507, com a publicação de *Introdução à Cosmografia*, do geógrafo alemão Martin Waldseemüller, numa clara homenagem à Américo Vespúcio. Já o termo América Latina, com todas as suas implicações práticas e simbólicas, é relativamente recente e data de meados do século XIX, e seu surgimento e autoria é tema de debate entre historiadores.

John Leddy Phelan, por exemplo, destaca o papel do economista francês Michel Chevalier, que embebido da ideologia romântica do panlatinismo e dos projetos imperiais da França de Napoleão III, teria sido o primeiro a se valer da expressão, em 1861. Sem perder de vista o papel de Chevalier na divulgação do termo e da criação de uma noção de América Latina, Arturo Ardao, por sua vez, localiza o primeiro uso do termo através da pena de um homem americano, o colombiano José Maria Torres Caicedo (1830-1889), no ano de 1856. Para Miguel Rojas Mix, teria

⁶ Alguns dos livros aqui citados serviram como manuais em universidades protestantes norte-americanas, como o livro de Thomas B. Neely ou as coletâneas *Protestant Missions in South America* (1908) e *The South Americans* (1907).

sido o chileno Francisco Bilbao (1823-1865) o criador do nome. De toda forma, sem aprofundarmos nesses debates⁷ – afinal, escaparia da proposta desse artigo –, nossa intenção é demonstrar que o termo América Latina surge num período especialmente intenso para as colônias espanholas na América, quando fervilham os processos das independências locais, bem como se torna cada vez mais acirrada as iniciativas imperiais da França e, sobretudo, dos Estados Unidos na região. Assim, o conceito foi sendo ressignificado ao longo do século XIX, ora para justificar a intervenção política e econômica, outras vezes servindo para denotar inferioridade de costumes, sobretudo se comparada à América Anglo-Saxônica, bem como em outras ocasiões, sendo mobilizada pelos próprios americanos como elemento identitário.

Da mesma forma, para os missionários em questão, a definição de América Latina tem seus próprios usos e sentidos, que certamente estão vinculados aos processos descritos acima. A acepção é a certamente mais utilizada, que coloca o termo América Latina para se referir a todos os países americanos, excluindo Canadá – inclusive a parte francesa, que seria, *a priori*, latina – e os Estados Unidos. Em nossas fontes, o termo não é entendido apenas como um espaço geograficamente definido, mas como um conjunto cultural que pressupõe certa regularidade em termos sociais, políticos, linguísticos, religiosos e morais, e porque não dizer, históricos, uma vez que o passado desses países é pensado seguindo as mesmas etapas: descobrimento, colonização, independência e instituição do republicanismo. É certo que essa noção, ao menos em nossas fontes, procura dar um caráter de homogeneidade e integração, eventualmente destacando as peculiaridades e o “exotismo” local – o que, no caso dos missionários, permitiria a criação de um projeto evangelizador de base comum. Assim, a América Latina comporia uma unidade cultural, sobretudo quando pensada em contraposição assimétrica com os Estados Unidos.

⁷ O artigo de R. L. Farret e S. R. Pinto (2011) recupera esse debate e os pontos de inflexão e de afastamento entre os autores citados. O segundo capítulo do já citado livro de João Feres Jr. (2005) também traz uma interessante e clara discussão sobre o tema.

Por outro lado, não há como desvincular o pensamento das políticas expansionistas dos Estados Unidos surgidas em meados do século XIX, como o Destino Manifesto e a Doutrina Monroe, e que continuavam fortes no alvorecer do século XX.⁸ Os *missions studies*,⁹ como são chamadas as pesquisas sobre o missionarismo protestante realizadas pelos norte-americanos, com frequência ressaltam essa relação, destacando o papel do livro *Our Country* (1885), de Josiah Strong, que é considerado a versão religiosa do Destino Manifesto (EDWARDS, 2004). O livro de Strong, um dos principais clérigos protestantes do período, teve grande repercussão nos círculos missionários, e reiterava, sobretudo, a pretensa superioridade anglo-saxônica e o seu dever salvacionista para com o resto do mundo.

Aliado a esse desejo de salvação do *outro*, com base em suas próprias prerrogativas, caminhava a postura excepcionalista, por meio da qual a comunidade ou o povo que a profere se auto investe de um caráter único, extraordinário, de exceção.¹⁰ No caso do imaginário norte-americano, as origens desse pensamento remontam à migração dos puritanos para a Nova Inglaterra, que era vista como uma missão histórica convocada por Deus que estaria conduzindo os pais peregrinos a fazer emergir uma nova sociedade, essencialmente cristã, na América, como aparece no sermão de John Winthrop, de 1629. Segundo Winthrop, tal como na alegoria bíblica do livro de Mateus que versa sobre a emergência de uma “cidade sobre colina”, os puritanos estariam construindo na América uma sociedade de homens unidos e cristãos, não sem esforço e muito trabalho, conforme aparece em outro texto fundamental para a construção desse aspecto da identidade norte-americana, *O Peregrino (Pilgrim’s Progress)* de John Bunyan. Não por acaso, resquícios da narrativa de Winthrop estão muitas vezes vinculados a discursos públicos e de políticos estadunidenses até os dias atuais (cf. AZEVEDO, 1998; 2001).

⁸ Sobre a relação entre essas políticas e o surgimento das sociedades missionárias protestantes, ver Kling (2004).

⁹ Há uma significativa literatura sobre o missionarismo nos Estados Unidos, os chamados *missions studies*, que publicaram uma coleção de livros acerca da temática sobre o título geral de *Studies in the History of Christian Missions*. Podemos citar, por exemplo, Shenk (2004) e Stanley (2009).

¹⁰ Ver, sobretudo, Koh (2003) e Fonseca (2007).

Com efeito, o pensamento missionário ficou profundamente marcado pelas ideias de excepcionalismo, salvacionismo e, em mesma medida, se aproximou das políticas do Destino Manifesto e da Doutrina Monroe.¹¹ Essa última relação ocupou papel importante no desenvolvimento do missionarismo protestante, sobretudo se tivermos em mente o quanto são contemporâneas as missões e as políticas expansionistas. Para tanto, basta lembrar que o protestantismo, que não havia feito grandes avanços evangelizadores ao redor do mundo nos séculos anteriores, chegou ao século XIX com uma tendência essencialmente missionária (USTORF, 2003, p. 396-399). Um indício fundamental que compactua com essa assertiva é o fato de que a primeira agência destinada às missões estrangeiras, a ABCFM, foi criada em 1812 (USTORF, 2003, p. 392 ; KLING, 2004, p. 187), marcadamente influenciada pelos movimentos de despertar espiritual¹² e pela teoria da “benevolência desinteressada”¹³ – que incentivava a prática evangelizadora para o “melhoramento” da humanidade –, sempre ressaltando a ideia da eleição divina, ou seja, de que os protestantes norte-americanos são os responsáveis pela “verdadeira cristianização” de toda a humanidade. Todos esses princípios fizeram parte do escopo que fundamentou a criação das

¹¹ Em mesma medida não podemos deixar de lembrar que “se por um lado o drama do expansionismo americano é encenado na terra, por outro, a justificação moral das ações dos americanos é de ordem divina” (FERES JUNIOR, 2005, p. 67).

¹² Os termos avivamento ou despertar procuram descrever encontros espirituais ou cultos que duravam dias, marcados pela intensa experiência religiosa, conversões em massa e testemunhos de fiéis que afirmavam terem passado por profunda regeneração espiritual. O primeiro desses despertamentos (*revivals*) ficou conhecido como o Primeiro Grande Despertar, em 1734, na Nova Inglaterra, conduzido pelo pastor Jonathan Edwards (1739-1758), e logo inspirou inúmeras igrejas nas treze colônias, atingindo seu ápice entre os anos de 1739 a 1745, principalmente após chegar ao país George Whitefield, companheiro do fundador do metodismo João Wesley (cf. MENDONÇA, 1984, p. 84; KLEIN, 2004, p. 89-90).

¹³ Este conceito foi inicialmente desenvolvido por Samuel Hopkins, e ficou amplamente conhecido com o livro de Jonathan Edwards, *Life of Brainerd* (1749), da Igreja Congregacional da Nova Inglaterra. Em suma, podemos caracterizá-lo como o sacrifício individual em nome dos interesses alheios. Nos Estados Unidos a noção bíblica do altruísmo foi associada à necessidade de reparar a dívida com as nações menores, o que chamavam de “benevolência desinteressada”. O “altruísmo nacional” não pode ser separado do impulso religioso, uma vez que compunham faces de uma mesma moeda (KLING, 2004, p. 12).

diversidades sociedades missionárias posteriores, as quais, em sua maioria, eram vinculadas à ABCFM. Da mesma forma, estes são temas recorrentes nos livros-relatórios que pretendemos analisar.

Uma questão central quando pensamos acerca do surgimento das primeiras agências missionárias interessadas em atuar fora dos Estados Unidos, é que seus principais destinos eram o Oriente, ou seja, os países da África e da Ásia eram tidos como os que mais careciam da palavra protestante.¹⁴ Dentre as primeiras agências interessadas na evangelização da região no terreno latino-americano podemos citar a Sociedade Bíblica Britânica (1804) e a Sociedade Bíblica Americana, essa a qual estava ligado Daniel P. Kidder (1815-1891), missionário que escreveu duas reminiscências de suas viagens no interior do Brasil. Podemos destacar ainda a SAMS (*South American Missionary Society*) seus esforços foram pontuais, sobretudo na Patagônia. No entanto, sem o apoio de outras instituições, conseguiu maior espaço de atuação somente depois da primeira década do século XX (EVERY, 1915).

Diante disso, em torno do último quartel do século XIX parte dos missionários norte-americanos começaram a utilizar o termo “continente negligenciado” (*neglected continent*)¹⁵ para se referir à América Latina, denotando um cenário de relativo abandono missionário da região, em detrimento à concentração dos recursos materiais e humanos que eram enviados aos países orientais, sobretudo China e Índia. De fato, se analisarmos os relatórios da Igreja Presbiteriana - que junto dos batistas e metodistas, compuseram os principais grupos evangelizadores dos Estados Unidos na América Latina-, no período de 1891 a 1900, os recursos financeiros repassados à China e à Índia superaram mais que a totalidade do que foi enviado para o Brasil ou o Chile, por exemplo, e o mesmo pode-se dizer sobre a preferência de envio de missionários.¹⁶

¹⁴ O contemporâneo e estudioso das missões protestantes, Archibald G. Baker, escreveu em 1926 que o principal destino das missões desde o início do século havia sido, sem dúvida, os países orientais (cf. BAKER, 1926).

¹⁵ O termo foi consolidado após a publicação do livro de mesmo nome (cf. MILLARD; GUINNESS, 1894).

¹⁶ Uma análise do envio desses recursos pode ser encontrada em Oliveira (2014).

É curioso como os *missions studies* parecem não problematizar a questão da “negligência missionária”, já que grande parte dos exemplos e estudos de caso se concentram na experiência missionária oriental. Realmente, durante o representativo evento do Congresso de Edimburgo, em 1910, a América Latina não apareceu como um dos principais destinos das missões,¹⁷ uma vez que era considerada pela maioria dos religiosos como já cristianizada, o que gerou um ponto de discórdia e debate entre grupos e indivíduos (PIEDRA, 2006, p. 116-157). As fontes que propomos analisar neste trabalho se inserem nesse contexto de polêmicas e de construção de projetos, uma vez que a defesa do incremento missionário na América Latina tem como uma das principais estratégias discursivas, a defesa de que a região não era cristã, e, apesar de reafirmarem um relativo progresso político e moral nas sociedades latino americanas, ela permaneceria pagã e, portanto, sua evolução seria incompleta.¹⁸

As representações da América Latina no discurso missionário

É certo que cada autor carrega sua especificidade, contudo, ele se percebe como um agente que carrega em si a [pretensa] coerência de seus traços definidores e é considerado por eles como um agente de ação do projeto comum desse grupo. Como há uma proposta universalizadora nas religiões e nossos sujeitos históricos atuam como agentes que procuram

¹⁷ O Congresso de Edimburgo foi bastante representativo para a história do protestantismo, afinal, foram definidas as estratégias de atuação das sociedades missionárias, como por exemplo, as políticas acerca da educação, da evangelização e da civilização dos povos. E, de fato, neste Congresso, o Oriente permaneceu como o principal destino missionário (cf. STANLEY, 2009).

¹⁸ Os autores que serão analisados nesta pesquisa são unânimes em apresentar a América Latina como uma região incompleta, ou como um espaço por fazer *de facto*, nos aspectos políticos, sociais e religiosos. Essa noção de incompletude está relacionada aos diferentes graus de civilização que estariam as diferentes sociedades e países ao redor do mundo; tema presente nos debates intelectuais do período, e do qual o protestantismo certamente não escapou, dando-lhe contornos próprios, como nos mostra o historiador norte-americano Brian Stanley (2010).

legitimar essa percepção, através da linguagem e das práticas, elas se constituem como *representações coletivas*, procurando se impor através de *estratégias*¹⁹ forjada pelos próprios grupos. Destarte, neste trabalho nos valem das discussões desenvolvidas por Roger Chartier, que compreende essas representações como as categorias que organizam e constroem a percepção do real, terminando por orientar os atos e as práticas mais cotidianas.²⁰ A representação surge assim como uma, das muitas vozes, presentes na realidade social, esta que é interpretada pelos grupos e indivíduos levando em conta esquemas próprios de classificação. Neste trabalho, essa opção teórica é a que mais nos permite avançar e é o conceito pelo qual nossa fonte recebe tratamento mais investigativo e elucidativo, uma vez que essas representações não dizem somente sobre o que é escrito, mas revelam informações sobre o agente que as escreve. Apresentam ainda dados que permitem ao historiador vasculhar de que maneira essa percepção do real foi construída pelos grupos envolvidos e de que maneira serviu de mediação nas relações sociais. Essa noção de representação nos permite assim articular:

Em primeiro [lugar], o trabalho de classificação e de recorte que produz as configurações intelectuais múltiplas pelas quais a realidade é contraditoriamente construída pelos diferentes grupos que compõem uma sociedade; em seguida, as práticas que visam a fazer reconhecer uma identidade social, a exibir uma maneira própria de estar no mundo, a significar simbolicamente um estatuto e uma posição; enfim, as formas institucionalizadas e objetivadas graças às quais “representantes” (instâncias coletivas ou indivíduos singulares) marcam de modo visível e perpetuado a existência do grupo, da comunidade ou da classe (CHARTIER, 2002, p. 73).

¹⁹ No entanto, não conferimos a essa *estratégia* um valor total, uma vez que consideramos os homens históricos como passíveis de arranjar o que não estava planejado, de constituir inovações e inventar novas situações frente a problemas inesperados.

²⁰ Sobre o assunto, ver Chartier (2002).

Compreendemos, assim, as representações dos missionários acerca da América Latina contendo todos os aspectos acima mencionados, uma vez que elas tendem a demonstrar tanto uma unidade e uma pretensa coerência bem como um posicionamento bastante específico. Ainda que haja peculiaridades na forma de retratar o continente, alguns aspectos são bastante comuns, como por exemplo, a premissa de que a região continha uma natureza exuberante e inexplorada, com grande possibilidade no campo da exploração econômica. Ao mesmo tempo, o advento do republicanismo, a afluência do investimento europeu e norte-americano na região, e, obviamente, a diminuição do domínio católico, são elementos que estariam consolidando um novo período na história da América Latina, num processo de inexorável e benéfica modernização. A nosso ver, essas representações de América Latina não compõem uma visão específica ou isolada. Pelo contrário, o que intentamos salientar aqui é que elas fazem parte de um processo de reinvenção da América, que nas palavras de Mary Louise Pratt é descrito como “um processo transatlântico que envolveu as energias e imaginações de intelectuais e de um vasto público de leitores nos dois hemisférios, embora não necessariamente da mesma forma” (PRATT, 1999, p. 197). Especificamente analisando os escritos de Humboldt (que escreve, sobretudo, acerca da natureza), mas fazendo considerações que extrapolam os limites da obra do naturalista, Pratt sugere que a reinvenção da América é parte de um movimento discursivo que desde as primeiras décadas do século XIX procurou reinventar o imaginário sobre América, e conseqüentemente, propôs um “novo tipo de consciência planetária” (PRATT, 1999, p. 213).

Ao que tudo indica, os Estados Unidos também tinham intenções de ampliar os seus conhecimentos acerca de uma consciência planetária, já que o planeta ainda era desconhecido na primeira metade do século XIX. Em linhas gerais, Mary Anne Junqueira destaca as intenções do governo dos Estados Unidos em construir saberes próprios sobre diferentes lugares do mundo e de que maneira a primeira viagem de circum-navegação (1838-1842), comandada por Charles Wilkes, pode ser interpretada a partir desses objetivos. Para tanto, a historiadora parte das reflexões assinaladas pela crítica pós-colonial, sugerindo que na primeira metade do século XIX - quando os Estados Unidos estava dando os primeiros passos na construção

de um Estado nacional e num contexto de ampla expansão territorial - o objetivo central da viagem era construir um saber local e independente da Europa, com interesses estratégicos e geopolíticos, sobretudo num período em que as dimensões planetárias ainda eram desconhecidas e o mundo era disputado acirradamente (JUNQUEIRA, 2010, p. 92). Na esteira dessa viagem, Wilkes elaborou um relato que, tal como nossas fontes, destaca a pretensa superioridade da civilização anglo-saxônica.

No mesmo sentido e de uma forma mais ampla, Ricardo Salvatore, interessado em estudar a complexa interação entre império, conhecimento e representação durante o apogeu do pan-americanismo (1890-1945) (SALVATORE, 2006, p. 11), também destaca o esforço das corporações norte-americanas no projeto de redescobrir a América do Sul nas primeiras décadas do século XX. Para o historiador, os centros de saber e de difusão cultural, comprometidos com uma nova visão da região que destacava as possibilidades de progresso no campo da cultura, da sociedade e da economia, tiveram papel fundamental na construção de relações de domínio por parte dos Estados Unidos. Esse esquema seria parte do processo de formulação de um império informal, que envolveu os relatos de viajantes, as atividades de instituições filantrópicas e educativas, e também as sociedades missionárias (SALVATORE, 2006, p. 13).

De toda forma, o que nos interessa ressaltar é que a escrita missionária e suas imagens de América Latina podem ser compreendidas com uma das múltiplas formas de representar uma nova visão da região, em outros termos, os textos dos missionários se localizam no interior do debate da reinvenção da América. Como era de esperar, as projeções de progresso, o elogio à exuberância e à possibilidade exploratória da região e a retórica da superioridade norte-americana são revestidas com o discurso religioso e justificadas a partir de uma ideia de salvação espiritual. Ao mesmo tempo em que as mudanças sociais efetivas alteram a dinâmica política e cultural da região, esses autores utilizam-se desses processos para construir narrativas e estratégias discursivas que pretendem demonstrar uma nova imagem de América Latina como um espaço de possibilidades nas mais diversas esferas. E nesse sentido, a reinvenção da América nesses textos culmina com a construção de um tempo essencialmente novo para a região.

Esses aspectos ficam claros nas palavras de Francis E. Clark. Em 1907, o teólogo e missionário publicou um livro com título bastante sugestivo: *O Continente da Oportunidade (he Continent of Opportunity)*. Fruto de uma viagem de cinco meses à América do Sul, nesse texto o autor ressalta as desigualdades de um continente de “luzes e sombras” (CLARK, 1907, p. 14), onde conviveriam, em relativa harmonia, diferentes hierarquias da civilização. Contudo, a América do Sul não é vista aqui como um estágio primal da humanidade, mas como uma sociedade em vias de civilizar-se. Em outros termos, a região estaria em um processo de amadurecimento político e social – ainda que necessitasse de um modelo para desenvolver-se, sobretudo, moral e religiosamente. Seria, portanto, o continente das oportunidades:

A América do Sul é uma terra em formação. Em algumas partes, no sentido político, ainda é sem forma e vazia. Em algumas partes já saiu do caos, enquanto em outras regiões ainda estão em vias de nascimento pela revolução e pela evolução. Mas a América do Sul é um continente com um futuro. É uma terra de possibilidades e oportunidades (CLARK, 1907, p. 17).

Dois anos mais tarde, Hubert W. Brown (1907), que atuou como missionário e educador no México entre 1880 e 1906, publicou *Latin America – the pagans, the papists, the patriots, the protestants, and the present problem*. O autor começa seu livro destacando que o interesse de seu trabalho é “acordar os missionários para interesse no México, na América Central e do Sul como campos missionários” (BROWN, 1907, p. 7). Nos dois primeiros capítulos o autor faz uma crítica do passado da América Latina, com a intenção de apontar que os problemas da região são fruto de sua matriz ibérica e da combinação dessa raiz com a religiosidade indígena, o que explicaria, em parte a vitalidade e a permanência do “paganismo e da superstição” (BROWN, 1907, p. 13) nos países latino-americanos. Nos dois últimos capítulos, a tendência é mostrar as oportunidades, nesse caso, essencialmente de evangelização, no território como um todo. *The Protestant*, Brown anuncia o início de um novo tempo para as Américas, que teria começado com o esforço dos primeiros missionários na distribuição de

bíblias, na evangelização e no trabalho educacional. Por fim, em *The Present Problem*, o autor faz um exercício comparativo entre as duas Américas – América Anglo-Saxã e América Latina – procurando mostrar o quanto a influência protestante, ainda que pontual, teria modificado a região. Assim, para Brown, a questão da reinvenção da América perpassa especialmente o aspecto religioso.

Dois aspectos acima citados aparecem com frequência em outro texto, o livro *The Evangelical Invasion*, de Samuel Rhea Gammon (1910) – livro este que concentra no caso do Brasil, mas que é pensado levando em conta suas semelhanças com um processo que caracterizaria toda a América Latina. No texto, há primeiramente a percepção de que o Brasil estaria conhecendo um tempo inteiramente novo naquele alvorecer de século. Em mesma medida, em *The Evangelical Invasion* a comparação entre o *modus vivendis* anglo-saxão e latino-americano é recorrente, sobretudo para destacar nos latinos elementos de degeneração moral e uma incapacidade de se adaptar ao progresso. O texto de Gammon também reflete muito de suas experiências como missionário e a sua atuação no interior de Minas Gerais como educador, onde fundou uma escola – que até hoje leva seu nome. Gammon compartilha da ideia de que no início do século XX o chamado “continente negligenciado” estava atraindo atenção de todo o mundo (GAMMON, 1910, p. 5) devido a um processo de reformulação política, social, cultural e religiosa pelo qual estaria atravessando. Para efetivar esse processo, seria necessário estreitar os laços de afinidade política entre essa nova América Latina e os Estados Unidos, tendo em vista que o “futuro do mundo é o ocidente” (GAMMON, 1910, p. 157-159). Nesse sentido, a nova visão da América Latina altera também a distribuição de forças no planeta e a maneira de se perceber o mundo, ou como nas palavras de Mary L. Pratt, a “consciência planetária”. Esse aspecto pode ser notado nas palavras de Gammon, para quem “futuro do mundo é na América [aqui significando a união entre o norte e o sul do continente], e os grandes problemas da humanidade – políticos, sociais e religiosos – devem ser resolvidos no hemisfério ocidental” (GAMMON, 1910, p. 161).

Considerações finais

Neste texto procurei compreender de que maneira a América Latina foi representada nos círculos missionários protestantes no início do século XX, sobretudo com base no texto de três missionários: Francis E. Clark, Hubert W. Brown e Samuel R. Gammon. Dessa maneira, minha intenção foi demonstrar que o missionarismo, na tarefa de angariar recursos e ampliar sua atuação, bem como de conhecer o campo a ser evangelizado, elaborou representações específicas sobre o continente como um todo. Essas representações, como parece ter ficado claro, dialogou com o imaginário de reinvenção ideológica da América que já aparecia desde as primeiras décadas do século XIX.

Contudo, passado um século, a noção de que a América, sobretudo a América Latina, estava passando por um processo de renovação parece ter continuado forte. Nos textos missionários, por exemplo, a ideia de que a América Latina estava rompendo com elementos da tradição ibérica, monárquica e católica e que, portanto, estaria entrando em novo tempo, foi fundamental para a elaboração de projetos de evangelização. Ainda que o principal interesse missionário é a conquista espiritual, procurei demonstrar que os relatos missionários reformularam, a sua maneira, grande parte do discurso sobre a reinvenção da América. Assim, questões que são mesmo do foro da vida material, como a instituição do republicanismo, ou mesmo da exploração capitalista, são compreendidos dentro de uma lógica em que a civilização e religião são certamente complementares.

Nesse cenário, o discurso missionário se afasta, por exemplo, das críticas da vanguarda capitalista de meados do século XIX, para quem a reinvenção ideológica da América, que seria atrasada e negligenciada, era tarefa das sociedades capitalistas (PRATT, 1999, p. 262). Para os missionários esse processo já estaria em andamento e, apesar das diferenças internas, os latinos já estariam vivendo a aventura da modernidade; faltava-lhes, contudo, uma nova religião e um novo modelo civilizacional. Nesse último ponto, os dois pontos de vista convergem: ainda que os latinos tenham avançado, a superioridade anglo-saxã era incontestável, o que justificaria, assim, a troca das tutelas, ou seja, a América Latina ao romper com os ibéricos, deveria ter

como ideal o modo de vida norte-americano. Para tanto, deveria estreitar os laços com os Estados Unidos e inclusive, adotar sua concepção religiosa. Assim, mesmo que se reconheça um horizonte otimista para América Latina, a autonomia ainda seria um projeto difícil de ser conquistado aos olhos do outro.

Referências

- AZEVEDO, Cecília Silva. A santificação pelas obras: a experiência do protestantismo nos EUA. *Tempo. Revista do Departamento de História da UFF*, v. 6, n. 11, p. 11 1-129, 2001
- _____. O sentido da Missão no Imaginário Político Norte-Americano. *Revista de História Regional*, v. 3, n. 2, p. 77-90, 1998.
- BAGGIO, Kátia Gerab. A Revista Americana (1909-1919) e as relações entre as Américas. In: DUTRA, Eliana de Freitas; MOLLIER, Jean-Yves (Org.). *Política, nação e edição: o lugar dos impressos na construção da vida política. Brasil, Europa e Américas nos séculos XVIII-XX*. São Paulo: Annablume, 2006, p. 447-463
- BAKER, A. G. Twenty-five years of thought concerning protestant foreign missions. *Journal of Religion*, v. 6, n. 4, 1926.
- BROWN, Hubert W. *Latin America: pagans, the papists, the patriots, the protestants and the present problem*. New York: Young Missionary Movement of the United States and Canada. 1907
- CHARTIER, Roger. *À beira da falésia: a história entre certezas e inquietude*. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2002.
- CLARK, Francis E. *The Continent of Opportunity*. New York: Young Missionary Movement of the United States and Canada. 1907
- EDWARDS, Wendy J. D. Forging an ideology for American Missions: Josiah Strong and Manifest Destiny. In: SHENK, Wilbert R. (Ed.). *North American Foreign Missions, 1810-1914: Theology, Theory, and Policy*. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans, 2004.
- EVERY, Edward Francis. *The South American Missionary Society*. Society for Promoting Christian Knowledge, 1915. Disponível em: <<http://anglicanhistory.org/sa/every1915/sams.html>>.

- FARRET, Rafael L.; PINTO, Simone R. América Latina: da construção do nome à consolidação da ideia. *Topoi*, v. 12, n. 23, 2011.
- FERES JÚNIOR, J. *A história do conceito de “Latin America” nos Estados Unidos*. Bauru: EDUSC, 2005.
- GAMMON, Samuel R. *The Evangelical Invasion of Brazil of a half century of evangelical missions in the land of Southern Cross*. Richmond: Presbyterian Comitee of Publications, 1910.
- HALE, Albert. *The South Americans: the story of south americans republics, their characteristics, progress and tendencies*. New York: Young Missionary Movement of the United States and Canada, 1907.
- HALE, Beach P. (Ed.). *Protestant Mission in South America*. New York: Young Missionary Movement of the United States and Canada, 1908.
- JUNQUEIRA, Mary Anne. A primeira viagem de circunavegação norte-americana, U. S. Exploring Expedition (1838-1842), e a instituição dos Estados Unidos como local de saber. In: BEIRED, J. L.; PRADO, M. L.; CAPELATO, M. H.. (Org.). *Intercâmbios Políticos e Mediações Culturais nas Américas (séculos XIX e XX)*. Assis: FCL; Ed. UNESP, 2010, p. 89-112.
- KLING, David W. The New Divinity and the Origins of the American Board of Commissioners for Foreign Missions. In: SHENK, Wilbert R. (Ed.). *North American Foreign Missions, 1810-1914: Theology, Theory, and Policy*. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans, 2004.
- KOH, Harold Hongju. Foreword: on American Exceptionalism. *Stanford Law Review*, v. 55, p. 1 470-1528, 2003.
- MILLARD, E. C. ; GUINNESS, Lucy E. *The Neglected Continent*. New York: Fleming H. Revell Company, 1894.
- OLIVEIRA, Guilherme F. *Para a glória de Deus e para o progresso dos homens: pensamento missionário norte-americano e representações de Brasil a partir de The Evangelical Invasion (1910), de Samuel R. Gammon*. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de São João Del-Rei, São João Del-Rei, 2014.
- PIEDRA, Arturo. *Evangelização protestante na América Latina: análise das razões que justificaram e promoveram a expansão protestante (1830-1960)*. São Leopoldo: Sinodal; Equador: CLAI, 2006.

- PRATT, M. L. *Os olhos do império: relatos de viagem e transculturação*. Bauru: EDUSC, 1999.
- SALVATORE, Ricardo D. *Imágenes de um império*. Estado Unidos y las formas de representación de América Latina. Buenos Aires: Sudamericana, 2006.
- SHENK, Wilbert R. (Ed.). *North American Foreign Missions, 1810-1914: Theology, Theory, and Policy*. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans, 2004.
- STANLEY, Brian. *Christian missions, antislavery and the claims of humanity, c. 1813-1873*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.
- _____. From “the poor heathen” to “the glory and honour of all nations”: vocabularies of race and custom in protestant missions, 1844-1928. *International Bulletin of Missionary Research*, n. 34, 2010.
- _____. *The World Missionary Conference, Edinburgh 1910*. Cambridge: Eerdmans, 2009.
- USTORF, W. Protestantism and Missions. In: McGRATH, Alister E.; MARKS, Darren C. *The Blackwell Companion to Protestantism*. Hoboken: Blackwell, 2003, p. 396-399.